

Manoel de Barros descoberto pelo teatro contemporâneo

Relação do autor com o lúdico, com o imaginário infantil e com a natureza serviu a delicadas formas de crítica ao mundo de hoje

Luiz Felipe Reis

13/11/2014 - 14:04 / Atualizado em 13/11/2014 - 14:15



“Nada”. Criada pelos Irmãos Guimarães, em 2012, a peça foi inspirada no “Livro do nada” e associava Barros a Samuel Beckett Foto: / Divulgação/Ismael Monticelli

| Newsletters

PUBLICIDADE

RIO — Talvez não seja mera coincidência que a “poesia orgânica” de Manoel de Barros tenha se tornado adubo e matéria-prima de um crescente número de

obras teatrais desde o começo dos anos 2000. Em resposta a um mundo soterrado pelos excessos do capitalismo, do trabalho automatizado, do cosmopolitismo e do acelerado desenvolvimentismo que macula, sem culpa, a natureza, a relação do homem com o ambiente e a dimensão lúdica da vida, coube a criadores teatrais recorrerem à poesia de Barros como sumo para a formulação de delicadas críticas ao contemporâneo. A poética de Barros foi usada, portanto, como estratégia de reinserção da ludicidade e do aspecto libertário do imaginário — infantil sobretudo — à vida comum, compartilhada por todos. E o teatro foi revisto, quem sabe, como espaço capaz de materializar outro mundo, diferente daquele ofertado pelo cotidiano das grandes cidades.

Em 2013, a coreógrafa Paula Maracajá concebeu o espetáculo “Tudo que não invento é falso”, como uma possível-obra resposta à frase do poeta: “Para mim, quem descreve não é dono do assunto... Quem inventa é”. A obra trazia à cena Paula e os bailarinos Danilo D’Alma e Renata Versiani que conduziam o espectador ao mundo de um menino-poeta-dançante,

maravilhado pelo universo dos animais e das plantas. Os intérpretes evidenciavam, através da dança, que o ato de criação é, além de possível, uma atividade leve, divertida.

— A ideia era fazer compreender o “real” e o “irreal”, e a dança, como um ato puro de metamorfoses — disse à época a coreógrafa.

Reconhecidos por extensa e densa imersão na obra de Samuel Beckett, os irmãos e diretores Adriano e Fernando Guimarães observaram ressonâncias entre as obras de Beckett e Barros, sobretudo na identificação do “nada” como tópico e estética retrabalhado por ambos. Inspirada em “O livro do nada”, de Barros, a peça “Nada”, criada pelos Irmãos Guimarães em parceria com Miwa Yanagizawa e Emanuel Aragão, estreou no Rio em 2012. Se Barros escreveu o “Livro do nada”, Beckett criou intensamente a partir da “expressão de que não há nada a expressar, nada com que se expressar, nada a partir do que expressar, nenhuma possibilidade de expressar, nenhum desejo de expressar, aliado à obrigação de expressar”.

PUBLICIDADE

— Eles têm em comum o esvaziamento e a ruptura com a linguagem — disse Adriano, à época da estreia.

Se o brasileiro liberava a linguagem, do poema, de armazenar e oferecer assunto, ideia, informação — “O assunto não pode subir no poema como erva”, “Só dou por acabado um poema, se a linguagem conteve o assunto nas suas devidas encolhas”, “Não gosto das palavras cansadas de informar” —, Beckett eliminou da linguagem, das palavras, a tarefa de conter e expressar significação: “As palavras são manchas desnecessárias sobre o silêncio e o nada”, escreveu o irlandês.

Ambos tinham o olhar direcionado àquilo “que não se repara, dando ao fragmento uma potência que é despercebida”, disse Adriano, baseado em outro fragmento de Beckett: “Todo o meu trabalho quer apenas prestar atenção em coisas para as quais ninguém liga”.

Muitas outras montagens chegaram às salas nos últimos anos.

Livremente inspirada na poética de Barros, a peça “Memórias inventadas” (2011), de Alexandre Varella, partia das memórias de um menino que sempre se via em situação de palco-plateia em todos os acontecimentos de sua vida, e aos poucos descobria a possibilidade de ser artista. O diretor Warley Goulart e o grupo Os Tapetes Contadores de Histórias também aproximaram a poesia de Barros à infância. A partir da frase “A poesia é a infância da linguagem” eles criaram o espetáculo “Passarinho à toa”, que também estreou em 2011.

— A ideia era resgatar o olhar contemplativo e lúdico, que ressignifica as coisas e as palavras, a partir de uma trama poética vivida por personagens do interior do Brasil — disse Goulart.

Em 2002, Moacir Chaves dirigiu “Inutilizas”, também criada a partir de textos do poeta, e com Bianca Ramoneda e Gabriel Braga Nunes em cena. E no mesmo ano o Grupo Pedras iniciava sua trajetória com a estreia de “Restin” (2002). Obra inaugural do grupo, a peça também se inspirava no universo do poeta para contar a história de quatro andarilhos que traziam em seus corpos roupas, objetos e restos de memória do que um dia foram.